Música no Mac

Marcos Smirkoff*

Até há pouco tempo, isso sigificava principalmente "ter um Mac para sequenciar uns instrumentos via MIDI". Há uns dez anos, com o advento do MIDI (um sistema para conectar instrumentos eletrônicos e computadores), sobrou para os computadores a função básica de servir como sequenciadores, sincronizando os sons produzidos em sintetizadores, samplers e drum machines. A principal plataforma para música digital por muito tempo foi o computador Atari que, reza a lenda, é ruim para tudo, menos para música. Agora, pode-se dizer que a música entrou de vez Mac adentro. Segundo as empresas que vendem software de música no Brasil, o mercado para músicos e diletantes que querem começar a se aventurar na música eletrônica ainda é dominado pelos PC, devido ao preço mais baixo e à existência de programas de notação e sequenciadores que dão conta do recado. "Mas o Mac tem um número muito maior de programas e oferece ao músico a possibilidade de se sofisticar cada vez mais até atingir um nível profissional", diz Rubner de Abreu, diretor da NovaMente, de Belo Horizonte. "O PC não tem programas que unam MIDI e edição de áudio. Com certeza, o Mac é a solução mais adequada para estúdios de gravação", diz ele.

De uns tempos pra cá, a gravação direta no hard disk virou uma alternativa esperta aos gravadores analógicos, racks de efeitos e mesas de mixagem. Isso acontece, porque a quantidade de memória disponível para computadores continua aumentando e barateando. Um hard disk grande oferece vantagens óbvias de acesso à informação armazenada. Os gravadores de áudio digitais (DAT) que usam fitas e os gravadores tradicionais analógicos são classificados como *meios lineares* de gravação. A fita é uma linha contínua enrolada em sua embalagem. Para se ter acesso a um trecho lá no meio, o operador tem de movê-la até a posição certa, encontrar o som desejado, marcar pontos que delimitem esse trecho e mais uma série de operações que gastam tempo. Sem contar os ruídos, quando o processo envolve uma parafernália de cabos, mesas e microfones.

O popular discão simplifica esse processo, porque se pode ter acesso a qualquer ponto da gravação instantaneamente. Um cabeçote de leitura "pula" para os pontos do disco que o usuário está querendo ouvir, em alta velocidade. Exatamente como em um toca-discos de vinil, onde você pode levantar a agulha e levar diretamente para uma faixa adiante. No jargão técnico da moda, isso é chamado de *meio de acesso randômico*.

Os segmentos de áudio que são registrados no HD podem ser organizados em uma playlist, ou seja, colocados numa ordem específica de execução. Importante: em *qualquer* ordem desejada.

O melhor da história é que esse material digitalizado pode ser modificado através de comandos padrões do Mac, tipo ⌘-*C*, ⌘-*V* ou ⌘-*Z*. Uma série de filtros digitais (reverb, eco, delay etc) podem ser combinados nos programas e seus resultados podem ser verificados na hora.

COMO FUNCIONA

Um sistema de gravação digital *direct-to-disk* desenvolve mais um pouco os avanços obtidos com os samplers. Um sinal de áudio – uma

voz captada por um microfone ou uma guitarra – passa por uma interface de áudio, onde estão os conversores de sinal analógico-para-digital (ADC, em inglês) e digital-para-analógico (DAC). Convertido em bits, o sinal é arquivado no HD do computador, gerenciado e processado por um software associado à placa de áudio disponível. Daí em diante, o som é manipulável na tela do computador através de vários programas e pode ser remontado e guardado de volta no HD em quantas versões o espaço permitir. A saída disso tudo pode ser registrada em DAT ou mesmo em CD.

Uma empresa norte-americana, a Digidesign, acabou estabelecendo um padrão de placas para processamento digital de áudio. Seus produtos principais são, em ordem crescente de preço e recursos, as placas Audiomedia II (US$ 1.295/EUA), Sound Tools II (US$ 3.495/EUA) e Pro Tools (de US$ 5.995 a US$ 24.495/EUA, de 4 a 16 canais). Uma nova placa, a Audiomedia LC, dirigida ao mercado doméstico, está sendo lançada neste início de ano, por um preço bastante acessível (ver box *O que comprar?*).

Um dos atrativos destas placas é que outros programas e efeitos combinam com elas na forma de plug-ins, acessáveis em um menu, do mesmo jeito que os filtros do Adobe Photoshop. O músico e produtor Dudu Marote aponta aí a tendência para o desenvolvimento desse tipo de sistema. O hardware, ou seja, as placas devem mudar pouco, enquanto diversos fabricantes se concentram no desenvolvimento de novos plug-ins. Em seu estúdio, ele já usa uma boa quantidade de filtros digitais em seu Quadra 840 AV, como o compressor de tempo Time Bandit (da Steinberg, que modifica o andamento de uma música sem alterar a afinação), o reverberador NuVerb (da Lexicon) e uma combinação de efeitos de ambiência (reverb, echo, delay) que atende pelo nome esquisito de Arboretum Hyperprism.

"Vamos acabar aposentando as mesas de som em breve, quando a Digidesign lançar o TBM", diz Marote. Ele compara o TBM a ter um PABX instalado no computador. "É uma matriz digital que gerencia mais de 256 canais de áudio com resolução de 24 bits através de várias placas, processadores de efeitos etc. Pode ser que as mesas não sumam assim de repente, mas para muitos estúdios isso representa o fim daquela montanha de cabos ruidosos interligando racks enormes."

> Depois de roubar do Atari o posto de computador preferido entre os músicos, o Mac está prestes a aposentar as mesas de som.

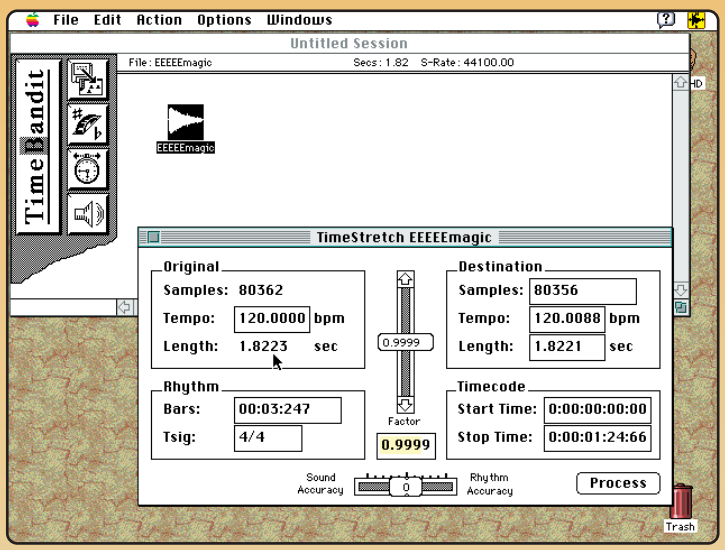
Enquanto os racks não dizem adeus, os gravadores já balançam seus lencinhos. Pelo menos é o que acontece nos estúdios VU, de São Paulo. Álvaro Faria, do VU, destaca principalmente a limpeza de linguagem obtida com a armazenagem em hard disk. Como muitos macmaníacos, está na expectativa do que vem por aí com o PowerPC; enquanto isso, usa um IIci "turbinado" pela Pro Tools, o sequenciador Performer e um HD de 1,2 GigaBytes.

APLICAÇÕES INUSITADAS

A flexibilidade desse tipo de sistema permite aplicações muito diversificadas. Jarbas Agnelli, diretor de arte da W/Brasil, tem um estúdio doméstico, baseado em Macintosh, que utiliza para multimídia. Monta animações, como uma série que está produzindo para o programa Rá-Tim-Bum, da TV Cultura, edita videoclipes de sua banda (AD) e do grupo Karnak (do ex-Mulheres Negras, André Abujamra) e está gravando o CD de seu grupo.

Para fazer tudo isso, Jarbas usa um Quadra 950, com 32 RAM e dois hards, um de 1,2 GBytes (para armazenar imagens/sons) e outro de 240 Mb, só para guardar softwares, fontes etc. Mas ainda usa seu Atarizinho pra rodar o sequenciador Notator, apesar de ter também uma versão pra Mac. O programinha que faz a sincronização áudio/vídeo na parafernália do Jarbas é o Deck 2.0 (da OSC), que abre uma janela na tela para monitorar imagens em QuickTime.

O músico Jorge Poulsen, que se dedica a consultoria e serviços de masterização e produção musical com seu sócio, Ivo de Carvalho, continua se surpreendendo com as aplicações inusitadas que o sistema de gravação digital permite. Já passaram por suas mãos trabalhos que vão desde defesas de tese na área musical, remasterização



O Time Bandit torna possível alterar a duração de uma música sem que a afinação dos instrumentos seja prejudicada, recurso útil na sincronização entre áudio e vídeo. Permite também transpor a tonalidade de trechos ou músicas inteiras

Egberto Gismonti

Juan Esteves/Folha Imagem

não é um macmaníaco. "Sou um usuário de Macintosh. Não tenho nenhuma espécie de deslumbramento com o computador. Não sou fanático pelo computador, assim como não sou fanático pela flauta ou pelo piano. O Mac é apenas mais um instrumento que eu uso no meu trabalho".

Gismonti mexe com Macs há sete anos. Já teve 128k, 512k, SE, SE30, IIsi, Portable, PowerBook e agora trabalha em um Quadra 800. Tem praticamente todos os melhores programas de música e placas de áudio que existem para o sistema. "Como fui um dos primeiros usuários profissionais de vários programas de música para o Macintosh, empresas como a Coda e a Mark of the Unicorn me enviam até hoje seus novos desenvolvimentos".

Além das placas da Digidesign – que usa para a edição digital de sons analógicos – e dos sequenciadores StudioVision e Performer, Gismonti utiliza para notação o Professional Composer e o Finale. Para ele, o computador não tem nada a ver com o ato da composição. "Eu escrevo muito rápido, o computador é lento demais para isso. Tenho um caderno que eu levo para tudo quanto é canto. É nele que eu componho. Eu utilizo o Mac para organizar, imprimir e extrair as partes de uma orquestração."

de palestras, até montagem de músicas para aulas de aeróbica – que pode ser uma tarefa mais complicada do que parece.

Mas a atividade mais intensa de Jorge e Ivo está no delicado campo da masterização, a última interferência no material musical antes da prensagem do disco, definindo a personalidade do artista e compatibilizando o áudio com o registro em disco. Eles têm lidado com artistas bastante diferentes, como a Legião Urbana (no disco mais recente, *Descobrimento do Brasil*) e Roberta Miranda. Nesses serviços, eles costumam usar o Mac que tiver no estúdio ou alugar uma máquina pelo período. Em sua base, utilizam um Mac IIvx.

São 4 horas da manhã, o cinzeiro está cheio de bitucas e o café acabou faz tempo. Você está precisando desesperadamente de uma batida de bumbo em 5/4 em 120 bpm para terminar uma mixagem e não está com a menor vontade de ligar e programar a bateria. Para Dudu Marote, isso é uma tarefa tão simples quanto apertar ⌘-*F*. Ele utiliza seu hard como uma biblioteca de sons, montando um arquivo digital de todos os sons sampleados que ele tem à disposição em seu estúdio com o programa de banco de dados 4th Dimension. Dessa forma, ele pode encontrar com rapidez algum detalhe que resolva incluir numa edição digital.

O FIM DA PASTEURIZAÇÃO

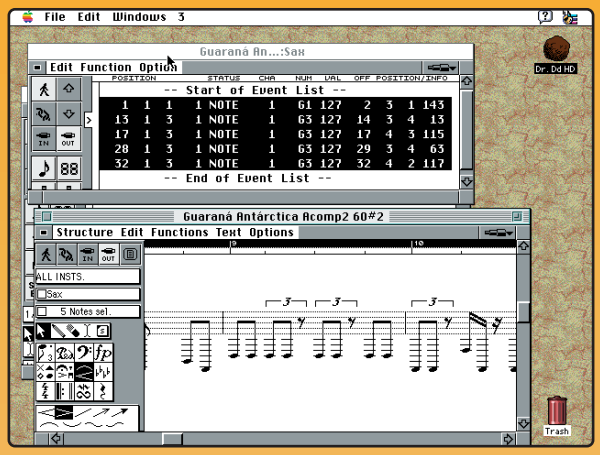
Depois de tanta falação, dá pra concluir que o Mac faz maravilhas com Neston na música, certo? Bem, nem tanto assim, se for considerada a velha briga digital versus analógico. É bom lembrar que a maior parte das placas tem resolução de 16 bits. Isso resolve bem quando se trata de áudio produzido digitalmente, mas muitos tipos sofisticados de aplicações requerem resolução maior e sistemas bem mais caros. Há casos de remasterização em que os velhos gravadores ainda se mostram como a solução mais adequada, para não descaracterizar músicas que foram originalmente produzidas com aquele tipo de equipamento.

Os profissionais celebram a gravação direct-to-disk como uma recuperação da necessidade de ter experiência para se produzir música de qualidade. "Estamos recuperando o tempo perdido com a pasteurização do MIDI", afirma Jorge Poulsen. Não se trata só de clicar instruções. O número de parâmetros envolvidos num bom resultado final é muito maior do que o ouvinte suspeita. O bacana do Mac é que ele permite aquele tipo de exploração diletante de combinações que, levada a fundo, pode trazer resultados surpreendentes.

* Colaborou Heinar Maracy

Mujica

Dudu Marote: "Vamos acabar aposentando as mesas de som"



O Notator Audio Logic é um dos mais sofisticados sequenciadores disponíveis. Ele permite a impressão de partituras com indicação de dinâmicas tradicionais, com partes separadas para os diferentes instrumentos de uma orquestração

André Abujamra,

líder da banda Karnak, acabou de comprar seu primeiro Macintosh, um Quadra 850. "Estou deslumbrado. O Mac é um animal quando se trata de música. Acabei de finalizar uma trilha para um comercial. Utilizei o DAT para digitalizar uma locução e gravei a trilha no hard disk. Copiei para um SyQuest e levei para a empresa, onde está sendo editado (em Mac) o comercial. Som e imagem foram sincronizados no Adobe Premiere e pronto! Deu tudo certo e a qualidade do som ficou excelente."

Abujamra utiliza o Mac como sampler e para a finalização de trilhas. Para notação e MIDI, ele ainda utiliza seu velho Atari e o Notator. Ele tem as placas Sample Cell e Audiomedia II, da Digidesign. "Além da facilidade para se aprender a trabalhar, o Mac fascina pela liberdade que oferece para você trabalhar como quiser com sons análogos e digitais."

SABE ONDE VOCÊ COMPRA UM MAC E GANHA UMA ASSINATURA DA MACMANIA?

AQUI

• PROFESSIONAL DATA •
(0162) 82-3094
• INTERALPHA •
(011) 531-6977
• COMPUGRAFIA •
(011) 822-3200
• SÓ SOFTWARE •
(011) 883-6583
(021) 552-9994
• MULTISOLUÇÕES •
(011) 816-6355

O QUE COMPRAR?

Muito bem, você está afim de comprar um Mac para mexer com música, mas tem pouco dinheiro. O que comprar? Quanto gastar?

Para início de conversa, é preciso definir que tipo de trabalho você quer fazer. Se for para brincar de músico ou para realizar experiências sem fins comerciais, um modelo de Mac com microfone, como o LC III, já é hardware suficiente. O importante é comprar o maior hard disk que seu dinheiro permitir. Para esse caso, o melhor software para gravação e edição de sons é o Sound Edit Pro, da Macromedia, ou o Audioshop, da Opcode. Quem já tem um teclado e quer começar a mexer com MIDI, usando o Mac como sequenciador, vai precisar primeiro de uma interface MIDI (baratinha, a partir de US$ 70/EUA). Depois, um programa MIDI, como o EZ Vision (US$ 149,95/EUA) ou o Studio Vision. Para os músicos de verdade, que gostariam de utilizar o computador para compor, um programinha simpático e barato é o Deluxe Music (US$ 129/EUA), da Eletronic Arts, ou o Songworks 1.1 (US$ 125/EUA), da Ars Nova Software. Para composições mais sofisticadas e notação precisa, o ideal são programas como o Encore (US$ 595/EUA), da Passport Designs, ou o Finale 3.0 (US$ 749/EUA), da Coda Music.

Para quem quer partir para vôos mais ambiciosos e começar a montar seu próprio estúdio digital, o primeiro passo é comprar uma placa de áudio. A que apresenta melhor custo/benefício é a Audiomedia II (US$ 1.295/EUA), que tem capacidade para dois canais e é praticamente um estúdio digital profissional no Mac. O sequenciador ideal para quem tem formação musical é o Notator. Para quem trabalha em uma base mais intuitiva, o melhor é o Performer 4.1 (US$ 495/EUA).

Por incrível que pareça, quando se trata de montar um estudiozinho caseiro, os Macs antigos são melhores que os atuais. Afinal, o que importa é o tamanho do hard disk e não a capacidade da CPU. Para saber o espaço necessário para o HD, é preciso aplicar uma fórmula: para cada minuto de som estéreo são necessários 10 Mb. Um bom negócio é conseguir um Mac IIsi usado, que sai por um preço baixo (por volta dos US$ 1.000/BR), com um mínimo de 16 Mb de RAM e um hard de 230 Mb (ou mesmo 80 Mb, pra começar). Melhor ainda se for um IIci usado: ele tem três slots de NuBus, contra um do IIsi, o que amplia a capacidade de expandir rapidamente o sistema. Para a conversão de sinal analógico/digital, o melhor é usar o conversor de um gravador de DAT (cerca de US$ 1.300/EUA).

ONDE COMPRAR?

Digidesign, Inc.
1360 Willow Rd. Ste. 101
Menlo Park, CA 94025
(001) 415-688-0600

Eletronic Arts
1450Mark of the Unicorn
1280 Massachusetts Ave.
Cambridge, MA 02138
(001) 617-576-2760

NovaMente Computer Music
R. Major Lopes, 760
Belo Horizonte - MG
CEP 30330-050
(031) 225-7800

Macromedia
600 Townsend St.
San Francisco, CA 94103
(001) 415-252-2000

Passport Designs
100 Stone Pine Road,
Half Moon Bay, CA 94019
(001) 415-726-0280

Steinberg
17700 Raymer St., Ste. 1001
Northridge, CA 91325
(001) 818-993-4091